

In *Anthesis: revista de letras e educação da Amazônia Sul-Occidental*. [Em linha]. U. Federal do Acre. ISSN: 2317-0824. 1: 2 (2012), pp. 141-148. Disponível em WWW: <<http://www.periodicoeletronicos.com.br/index.php/anthesis>>.

DA COLHER À BOCA:

os dois sonetos de Caldas Barbosa revelados por Tinhorão

Resumo: O artigo estuda dois sonetos do brasileiro Domingos Caldas Barbosa (1740-1800) dados a conhecer por José Ramos Tinhorão num livro de 2004. Apontando e corrigindo as falhas de leitura patenteadas nessa primeira publicação – e entretanto reproduzidas –, os autores propõem uma edição crítica dos dois poemas, acompanhada da sua interpretação literal. Mostram ainda que, ao contrário do que supôs Tinhorão, o manuscrito que transmite os sonetos não é autógrafa.

Palavras-chave: Literatura brasileira; Caldas Barbosa; crítica textual.

Abstract: The article discusses two sonnets by the Brazilian author Domingos Caldas Barbosa (1740-1800) brought to the public's attention by José Ramos Tinhorão in a 2004 book. By pointing out and correcting the reading faults revealed in the first publication – which in the meantime were reproduced–, the authors propose a critical edition of the two poems together with its literal interpretation. It also shows that, contrary to what Tinhorão assumed, the manuscript which transmits the sonnets is not an autograph.

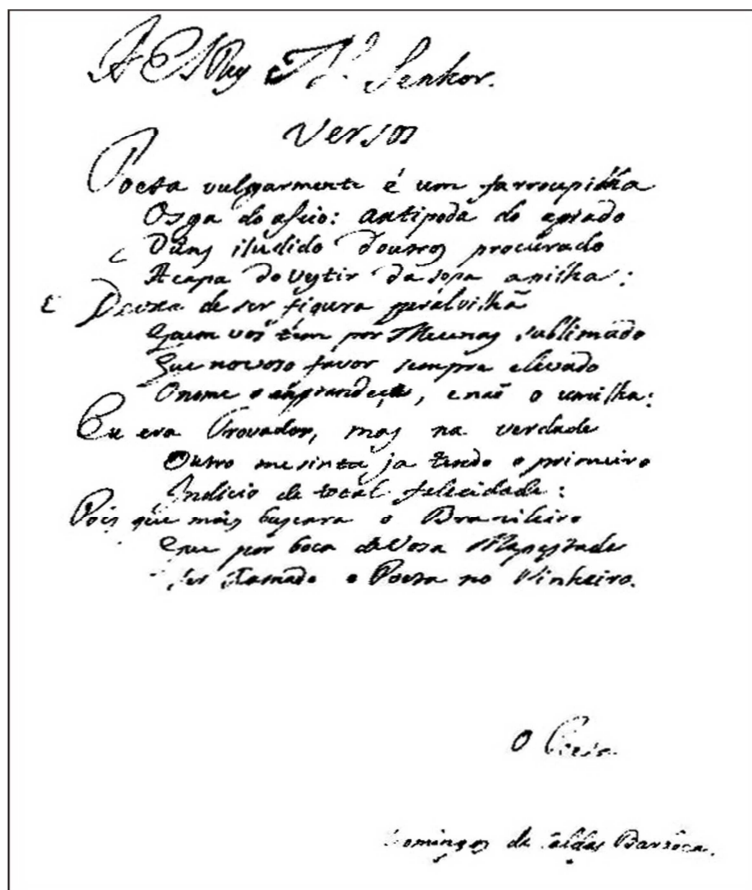
Keywords: Brazilian literature; Caldas Barbosa; textual criticism.

Francisco Topa (U. Porto)

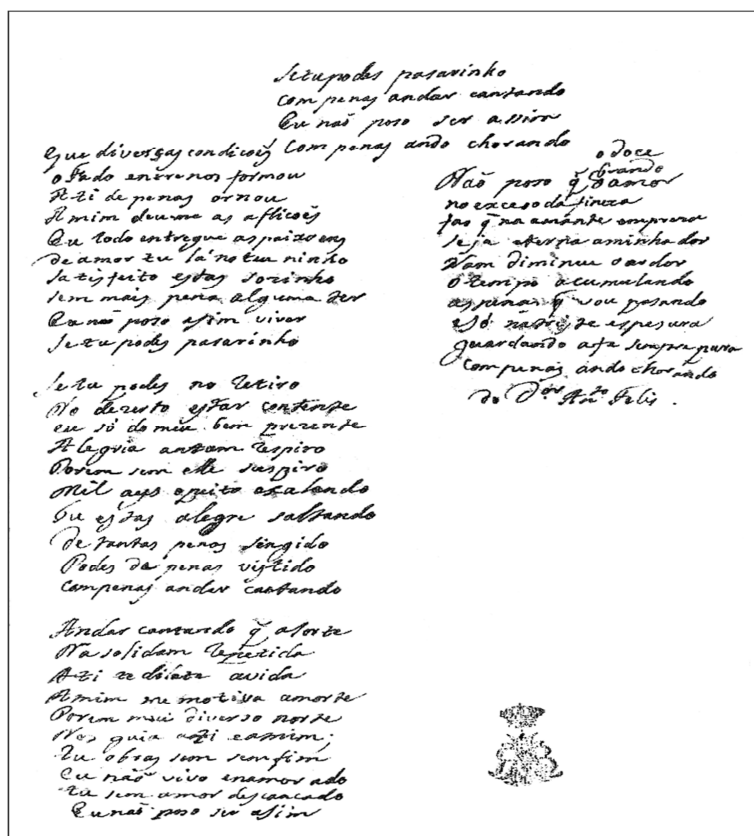
Os arquivos portugueses continuam a oferecer aos investigadores da literatura brasileira do período colonial surpresas e descobertas interessantes, mesmo quando daí não resulta uma alteração significativa do quadro de leitura de um autor ou de uma obra. Foi o que aconteceu com José Ramos Ti-

nhorão no decurso da sua pesquisa sobre Domingos Caldas Barbosa (1740-1800), base do volume que publicou em 2004. Revendo com minúcia e finura o perfil raro deste poeta mulato que se destacou pelo cruzar de fronteiras – da poesia culta para a popular, da literatura para a música e para as outras artes, da cultura portuguesa para a brasileira –, Tinhorão deu o passo que faltava para a valorização de Caldas Barbosa. Além disso, graças à sua longa experiência de pesquisador de fontes da música popular brasileira, identificou e deu a conhecer uma série de elementos novos.

Entre eles estão dois sonetos, reproduzidos, editados e comentados nas p. 165-173 do livro. Esses poemas figuram no Ms. 54-X-12 (47) da Biblioteca da Ajuda, nas f. 1v e 2r. Vejamos a reprodução do primeiro:



Bastará uma observação atenta da ortografia (*engrandeça, umilha*) e da pontuação (ou da falta dela) para se perceber que, ao contrário do que sustenta Tinhorão, o poema não pode ser autógrafo. Por outro lado, é estranha a sua classificação (“Versos”, em vez de “Soneto”), como é estranha a indicação de autoria ou assinatura, não só devido à grafia do nome, que aliás Tinhorão tem dificuldade em explicar (2004, p. 167-8), mas sobretudo devido ao título que o precede (“O Poeta”). Por último, se os sonetos fossem autógrafos, faltaria explicar um elemento não revelado pelo investigador: na última das páginas do manuscrito, f. 2v, vem uma glosa em décimas de redondilha maior atribuída a outro autor, identificado como “D.^{or} An.^{to} Felis”. Vejamos a reprodução:



O autor da glosa será talvez António Félix Mendes (1706-1790), professor de latim que poetou nessa língua e em português. Como a letra parece ser da mesma mão, a inclusão deste poema no manuscrito é mais um argumento a favor da ideia de que não estamos perante um autógrafo de Domingos Caldas Barbosa. Tudo parece pois indicar que se trata de uma cópia apógrafa, feita por um anónimo admirador dos dois poetas, em data desconhecida mas certamente próxima do final de setecentos.

Feita esta primeira correção, passemos agora ao soneto do poeta brasileiro, que na edição de José Ramos Tinhorão apresenta quatro erros de transcrição¹:

– No v. 2, é *asseio*, e não *ofício*, que aliás não faria sentido. Discorrendo sobre as péssimas condições de vida do poeta, o sujeito está agora a referir-se à higiene e ao asseio;

– No v. 6, a leitura correta é *Mecenas*, em lugar da estranhíssima *Neunas*, que obrigou Tinhorão a uma explicação complicada e nada convincente. O sujeito afirma que quem recebe o apoio de D. José, quem o tem por mecenas, deixa de ser *figura peralvilha*, sendo este último termo, provavelmente, tomado numa aceção um pouco diferente do sentido corrente de ‘casquilho’ ou ‘peralta’;

– No v. 12, o verbo tem de estar no futuro (*buscará*), como o contexto já o indica de forma razoavelmente clara. Além disso, e este é o argumento definitivo, a métrica e a acentuação ficam erradas na leitura proposta por Tinhorão;

– No v. 14, a forma verbal é *tornado*, e não *chamado* (ou *xamado*). O sujeito exprime o seu contentamento pela mudança de estatuto: de Trovador para Poeta.

Para além das correções que resultam do que acaba de ser apontado, o soneto necessita de algumas vírgulas, que serão assinaladas por meio de parênteses retos. Ainda ao nível da pontuação, cremos que há vantagem na substituição dos dois pontos do v. 2 por uma simples vírgula, tanto mais que

¹ Entretanto reproduzidos noutros trabalhos (cf. Luiza SAWAYA, 2011).

a métrica impõe uma elisão nessa passagem do verso. No final das três primeiras estrofes, entendemos que os dois pontos devem ser substituídos pelo sinal que hoje lhe corresponde, isto é, o ponto e vírgula. Por outro lado, a pergunta que encerra o poema deve traduzir-se nesse sinal e não no ponto final que figura no manuscrito. As restantes operações de atualização ortográfica são muito simples e, supomos, não levantarão objeção: uniformização da minúscula em início de verso (a menos que se trate de começo de frase); desenvolvimento das abreviaturas; introdução de acentos; supressão do apóstrofo em contrações (como *d'outros*); representação da semivogal anterior sob a forma de *i* (em vez de *y*); normalização do uso do *h* e das sibilantes.

O soneto passa então a apresentar-se do seguinte modo:

A El-Rei Nosso Senhor

Versos

Poeta vulgarmente é um farroupilha[,]
osga do asseio, antípoda do agrado[,]
duns iludido[,] doutros procurado,
a capa do vestir da sopa a pilha;

5 deixa de ser figura peralvilha
 quem vos tem por Mecenas sublimado[,]
 que no vosso favor sempre elevado
 o nome o engrandece, e não o humilha;

10 eu era Trovador, mas na verdade
 outro me sinto já tendo o primeiro
 indício de total felicidade;

 pois que mais buscará o Brasileiro
 que por boca de Vossa Majestade
 ser tornado o Poeta no Pinheiro?

O Poeta

Domingos de Caldas Barbosa

Nesta versão, o sentido do poema não apresenta dificuldades de maior, dispensando as notas pouco felizes de Tinhorão. O sujeito começa por descrever a condição *farroupilha*, isto é, pelintra, do poeta, condenado às promessas de uns e às ameaças de outros, obrigado a *ilhar* da sopa a capa de vestir, ou seja, forçado a passar fome para poder comprar uma capa e assim manter as aparências mínimas. Esta condição de miséria pode contudo mudar com o patrocínio mecenático do rei, tanto mais que ele tem a particularidade de engrandecer o protegido sem o humilhar. Nos tercetos, as condições anteriores são aplicadas ao caso do sujeito: tornado (isto é, transformado), pela boca do rei, em Poeta, o *Brasileiro*, que era simples *Trovador*, encara a situação como “primeiro / indício de total felicidade”. O episódio terá ocorrido *no Pinheiro*, isto é, numa das coutadas dos arredores de Setúbal onde a família real costumava permanecer entre 6 e 15 de janeiro de cada ano (cf. MONTEIRO, 2006, p. 212).

Sobre a propriedade, escreve João Baptista de Castro (1762, p. 440):

Com pouca mais distancia de leguas [tres] no termo da grande Villa de Setubal nas ribeiras do rio Sado e[st]ão as duas grandes coutadas do *Pinheiro*, e *Palma*, notaveis pela abundancia de veados, e porcos montezes muito pingues, e grande quantidade de perdizes, lebres, coelhos, e outras variedades de caças.

Por outros poemas incluídos no *Almanak das Musas*, percebe-se que Domingos Caldas Barbosa acompanharia com regularidade as estâncias da família real em coutadas. Veja-se, por exemplo, a “Lebreida ou caçada Real das Lebres” (1793, III, p. 6-23).

Quanto à arte poética, temos um soneto perfeitamente regular, com o clássico esquema rimático ABBA / ABBA / CDC / DCD, sendo todos os versos decassílabos heroicos.

Passemos agora ao segundo soneto, que apresenta dois erros de transcrição na edição elaborada por José Ramos Tinhorão:

- No v. 3, é *estimável*, e não *estimada*, que aliás não faria sentido;
- No v. 10, a leitura correta é *chegastes* (*xegastes*), em lugar da estranhíssima *xegasteis*.

À semelhança do anterior, também este poema necessita de algumas vírgulas e de um ponto de exclamação, que serão assinalados por meio de parênteses retos. As restantes operações são idênticas ao que ficou dito atrás sobre o primeiro soneto.

A edição fica então do seguinte modo:

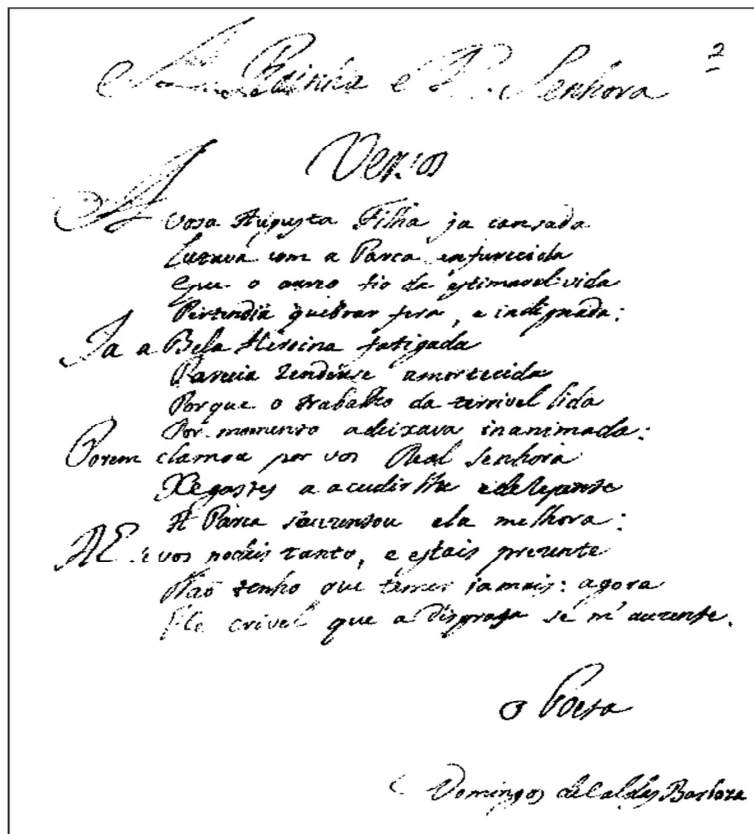
À Rainha e Nossa Senhora

Versos

- A vossa Augusta Filha já cansada
lutava com a Parca enfurecida
que o áureo fio da estimável vida
pertendia quebrar fera e indignada;
- 5 já a Bela Heroína fatigada
parecia render-se amortecida[,]
porque o trabalho da terrível lida
por momento a deixava inanimada;
- 10 porém clamou por vós[,] Real Senhora[,]
chegastes a acudir-lhe e de repente
a Parca s'ausentou[,] ela melhora;
- ah[!] Se vós podeis tanto e estais presente,
não tenho que temer jamais; agora
é crível que a desgraça se m'ausente.

o Poeta

Domingos de Caldas Barbosa



Ao contrário do que supõe Tinhorão, cremos que o soneto é dirigido à esposa do rei D. José, D. Mariana Vitória de Bourbon (*31-III-1718 †15-I-1781), e que toma por motivo um episódio ocorrido com a infanta D. Maria Francisca Doroteia, nascida a 21-IX-1739 e falecida a 14-I-1771. De acordo com Nuno Gonçalo Monteiro (2006, p. 221), a saúde desta infanta foi durante anos causa de preocupação da família. Ora, se admitirmos que este soneto foi escrito no mesmo espaço do anterior, talvez seja de admitir que na sua base tenha estado um regresso de D. Maria Vitória a Lisboa para se ocupar da saúde da filha. Levando em conta que esta D. Maria Francisca morre em 1771, o poema não poderá ser posterior, sendo provável que esta data valha também para o outro.

Quanto à arte poética, o soneto apresenta também o esquema rimático ABBA / ABBA / CDC / DCD. Ao nível da métrica, domina o decassílabo heroico, mas são sáficos os v. 3 e 7.

Concluindo, resta-nos sublinhar o óbvio: não foi nosso objetivo pôr em causa o trabalho de José Ramos Tinhorão, louvável a muitos títulos, como já dissemos. Procurámos apenas melhorá-lo num aspeto pontual, evitando a propagação da falha. Esperamos com isto contrariar o provérbio que usámos no título.

Referências

AA.VV. *Almanak das Musas, nova colleção de poezias. Offerecida ao genio portuguez*. Parte III. Lisboa: Offic. de João Antonio da Silva, Impreſſor de Sua Mageſtade, 1793.

CASTRO, João Baptista de. *Mappa de Portugal antigo, e moderno pelo Padre João Bautista de Castro, Beneficiado na Santa Basilica Patriarcal de Lisboa*. Tomo Primeiro. Parte I. e II. Nesta segunda edição revisto, e augmentado pelo seu mesmo author: e contém huma exacta descripção Geografica do Reino de Portugal com o que toca à sua Historia Secular, e Política. Lisboa: Officina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno, 1762.

MONTEIRO, Nuno Gonçalo. *D. José*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2006.

TINHORÃO, José Ramos. *Domingos Caldas Barbosa: o poeta da viola, da modinha e do lundu (1740-1800)*. São Paulo: Editora 34, 2004.

SAWAYA, Luiza. *Domingos Caldas Barbosa: para além da ‘Viola de Lereno’*. Dissertação de mestrado em Estudos Românicos. Lisboa: FLUL, 2011.